

## INTRODUÇÃO

O turismo cultural é uma forma privilegiada para o ser humano conhecer o património cultural material e imaterial de um país ou região. No turismo cultural, a cultura constitui a base para atrair turistas e visitantes a certos destinos. Assim, ele pode ser percebido como aquela forma de turismo que permite ao turista um envolvimento ativo ou passivo com a cultura do destino que ele visita.

O turismo cultural fomenta a compreensão sobre o outro e, também, permite ao turista novas aprendizagens culturais. Atualmente o turista é, cada vez mais, um grande consumidor de culturas. Ele quer observar, mas também experienciar através dos ‘cinco sentidos’ culturas que estão associadas ao património cultural tangível e intangível da vida quotidiana das populações de uma cidade, vila ou aldeia.

O presente livro intitulado “*Turismo Cultural – Uma Introdução*” tem carácter pedagógico e pretende ser uma ferramenta de apoio para estudantes, docentes e investigadores que atuam na área do turismo e se interessam pelo tema. O primeiro capítulo, para além de analisar o conceito de cultura e aborda a relação do turismo com a cultura em diferentes perspetivas. O segundo capítulo é dedicado ao turismo cultural, no qual a autora faz uma breve abordagem do turismo cultural enquanto objeto de estudo académico e explora o conceito tal como é analisado por diversos autores. Aborda, ainda, a questão do turismo cultural na sociedade globalizada, as perspetivas do turismo cultural e, também, algumas tipologias do turismo cultural.

## **Turismo Cultural - Uma Introdução**

No terceiro capítulo são analisadas as tipologias do turista cultural, as motivações culturais, as experiências que o turista cultural pode adquirir no destino que visita e o seu grau de satisfação.

# CAPÍTULO I

## CULTURA E TURISMO

### 1. Cultura: conceito<sup>1</sup> e significado

O conceito de cultura é extremamente complexo (Guerreiro, Henriques e Mendes, 2019). A definição de cultura varia muito na sua essência, no tempo e no espaço (Rezende, 2009). Para Cucho (1999, p. 9), “a noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais. Ela é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos. Ela parece fornecer a resposta mais satisfatória à questão da diferença entre os povos”. De facto, o estudo da cultura pertence essencialmente ao campo das ciências sociais e, por isso, possui uma gama de significados de acordo com o contexto em que é analisado. Alguns académicos de formação em antropologia, sociologia, história, geografia e filosofia estudaram o fenómeno da cultura e forneceram uma plataforma relevante para muitas áreas das ciências sociais como, por exemplo, o turismo (Ivanovic, 2008).

Segundo Bennett (1995), o termo cultura pode ser usado para designar um produto ou processo. No primeiro caso, segundo o autor, a cultura significa o resultado do conjunto de atividades artísticas e culturais, na forma de produtos tangíveis ou intangíveis.

---

<sup>1</sup> Não se pretende neste ponto discutir e analisar, em profundidade, o conceito de cultura. Apenas apresentar-se-á alguns conceitos que servirão de base à temática do turismo cultural.

Como produto, a cultura consiste em monumentos, músicas, danças, pinturas, festivais, etc. Como processo, a cultura assume uma amplitude antropológica referindo-se, especialmente, ao modo de vida de uma determinada comunidade.

Como já foi referido, a cultura é um fenómeno multidimensional complexo (Reisinger e Turner, 2004) e, por isso, não existe uma definição universal para definir o que é cultura. O conceito de cultura foi, ao longo da história, entendido de forma diferente de uma sociedade para outra, de uma escola de pensamento para outra. Daí que, distintas definições de cultura foram desenvolvidas em diferentes condições sob as quais os diversos investigadores têm trabalhado (Reisinger, 2009). Segundo esta autora, os investigadores têm pontos de vista diferentes sobre o que constitui o conceito e o significado da cultura. Por isso, as tentativas de delimitá-lo conceptualmente não têm chegado a um consenso, pois a palavra cultura aborda tanto a experiência como a identidade de uma sociedade. Assim, a cultura como processo é vista, por alguns autores, como uma abordagem antropológica e sociológica que a considera como um sistema simbólico ou como um código de conduta através dos quais as pessoas criam e recriam valores, crenças e atitudes, para que possam dar sentido à sua existência e às suas experiências (Richards, 1996; Meethan, 2001).

Cuche (1999, p. 9), afirma que “o homem é essencialmente um ser de cultura”. A cultura significa os modos de vida de um povo (crenças, valores, práticas sociais, rituais e tradições, etc.), os aspetos tangíveis (monumentos, objetos, etc.) e intangíveis (linguagem, festivais, danças folclóricas, saber fazer, etc.). Assim, a cultura pode ser entendida como “um conjunto de práticas baseadas em formas de conhecimento, que encapsulam valores comuns e atuam como princípios orientadores gerais. É através destas formas de conhecimento que as distinções são criadas e mantidas, e por isso,

por exemplo, uma cultura é apontada como diferente da outra” (Meethan, 2001, p. 117).

Uma das definições mais clássicas de cultura é a do antropólogo Edward Tylor que, na sua obra “*Primitive Culture*” (1871), definia a cultura como “...o todo complexo que compreende o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade” (Cuche, 1999, p. 38). Na definição de Tylor, a cultura está relacionada com a interação entre as pessoas e como elas aprendem umas com as outras. Assim, a cultura caracteriza-se pela sua dimensão coletiva. O conceito de cultura, para o autor, promove a ideia de que a aprendizagem pode ser acumulada, assimilada e passada posteriormente por uma gama de tradições orais e escritas. Ou seja, “...a cultura é observada tanto através das relações sociais quanto de artefactos materiais. Ela consiste em padrões de comportamento, conhecimento de valores que foram adquiridos e transmitidos entre as gerações” (Burns, 2002, p. 75). A definição da cultura de Tylor manteve-se inquestionável durante cerca de 30 anos e ainda, hoje, possui virtualidades.

Franz Boas, crítico do evolucionismo, foi o responsável pela introdução de ‘conotações antropológicas modernas’ da palavra cultura (Cuche, 1999). O estudo do autor teve como principal marca o uso da palavra cultura no plural, o que demonstra a identificação de várias culturas. A partir desta sua observação, o conceito de cultura passou a ser discutido por diversos autores e em diferentes perspetivas.

Em 1949, o antropólogo Alfred Kroeber no seu ensaio “*O superorgânico*” procurou contribuir para a ampliação do conceito de cultura considerando que esta “...mais do que a herança genética determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações (...) A cultura é um processo cumulativo, resultante de

toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo” (Laraia, 2000, p. 48). Ainda na linha da antropologia, a cultura pode ser entendida como “um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as suas atividades em relação à vida” (Geertz, 1989, p. 103). Ou seja, segundo o autor, a cultura é um sistema integrado de significados por meio do qual se estabelece e se mantém a natureza da realidade. Para descobrir esses significados é necessário analisar as inter-relações que entre eles se estabelecem, distinguindo vários tipos de experiência cultural que podem depender de fatores como, por exemplo, a religião, o conhecimento científico, a tradição, a ideologia ou a arte (Pires, 2004).

Para os antropólogos, segundo Rezende (2009), a cultura consiste em ideias (concepções mentais de coisas abstratas ou concretas como, por exemplo, as crenças científicas, religiosas e míticas); em abstrações (aquilo que se encontra no campo das ideias, da mente como, por exemplo, acontecimentos não observáveis, não sensíveis); em comportamento (modo de viver comum de um determinado grupo humano).

Geertz (1989) afirma que a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos eventualmente os acontecimentos sociais os comportamentos, as instituições ou os processos. Ou seja, o autor considera que a cultura é um contexto, algo dentro do qual os símbolos podem ser descritos de forma inteligível. Para este antropólogo a cultura constitui um universo simbólico próprio dos membros de uma comunidade específica que dá sentido às práticas e, pelo facto de ser partilhado, permite que os sujeitos (que fazem parte dela) se reconheçam e se compreendam uns aos outros. Uma das tarefas da antropologia moderna consiste na reconstrução do conceito de cultura, fragmentado por diversas reformulações. Ou

seja, “os antropólogos sabem de facto o que é cultura, mas divergem na maneira de exteriorizar este conhecimento” (Laraia, 2000, p. 63).

Sintetizando, a antropologia cultural vê, essencialmente, a cultura através da forma como o ser humano pensa, diz, faz e fabrica (Perez, 2009). Para este antropólogo, “a antropologia afirma a dignidade equivalente de todas as culturas” (Perez, 2009, p. 104).

No pensamento sociológico, o termo ‘cultura’ também é muito utilizado. No entanto, não é fácil encontrar “uma definição unívoca que vá além de formulações gerais como o domínio social em que se produzem significados compartilhados” (Hutchby, 2010, p.57). Na linha da sociologia pode-se salientar o trabalho de Fischer (1977) que considera a cultura como um conceito abstrato que descreve os processos de desenvolvimento intelectual, espiritual e estéticos do acontecer humano. Assim, o autor considera que para a conceção sociológica, a cultura se define como o progresso intelectual e social do homem em geral, das coletividades, da humanidade.

A evolução do conceito de cultura no campo da sociologia levou Giddens (2010) a afirmar que a cultura está relacionada com os modos de vida dos membros de uma sociedade ou de grupos dessa sociedade, e é baseada em interações sociais. Inclui, portanto, os costumes, a vida familiar, as formas de trabalho, as cerimónias religiosas e as ocupações dos tempos livres. Abrange também os bens que criam e que se tornam portadores de sentido para eles: arcos e flechas, arados, fábricas e máquinas, computadores, livros, habitações. Assim, a cultura pode ser entendida como “...uma totalidade complexa constituída por normas, por hábitos, por reportórios de ação e de representação, adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade” (Warnier, 2000, p. 16). Para este autor, toda a cultura é singular, geograficamente ou socialmente localizada. A cultura é objeto de expressão discursiva numa determinada língua,

um fator de identificação pelos grupos e pelos indivíduos e um fator de diferenciação em relação aos outros. O autor realça ainda que “toda a cultura é transmitida pelas tradições reformuladas em função do contexto histórico” (Warnier, 2000, p. 16).

Para a sociologia, a cultura é tudo aquilo que os seres humanos aprendem a fazer, a usar, a produzir e a conhecer (Tischler, 2010). Pereiro (2009, p. 105) ressalta que “a noção sociológica de cultura fala da cultura como produção e consumo de atividades culturais, daí a sua ligação com as políticas da cultura. Deste ponto de vista a cultura passa a ser entendida como espetáculo, como política, produção e consumo”.

Cuche (1999) argumenta que o conceito de cultura conserva atualmente toda a sua utilidade para as ciências sociais. Segundo o autor, a desconstrução da ideia de cultura subjacente aos primeiros usos do conceito (ideia marcada por um certo essencialismo e pelo mito das origens, supostamente puras, de toda a cultura) foi uma etapa necessária e possibilitou um avanço epistemológico, uma vez que foi possível pôr em evidência a dimensão relacional de todas as culturas. Todavia, o autor sublinha que “ter em conta a situação relacional em que uma cultura se elabora não deve levar-nos a descurar o interesse pelo conteúdo dessa cultura, pelo que ela significa em si própria. (...) Ainda que os elementos de uma dada cultura sejam utilizados como significantes da distinção social ou da diferenciação étnica, não é menos verdade que se ligam uns aos outros por meio de uma mesma estrutura simbólica que requer ser analisada. Não há cultura que não tenha significação para os que nela se reconhecem. Por isso, os significados e os significantes devem ser analisados com a maior atenção possível” (Cuche, 1999, p. 162).

Atualmente, a noção de cultura é pluralista e relativista. Abandona-se, assim, a ficção do todo cultural devido à incerteza das

fronteiras culturais, sujeitas a negociações, e em que as construções culturais são contestadas a partir do seu interior (Kuper, 2002). Portanto, o conceito de cultura possui uma longa história, e evolui ao longo do tempo podendo organizar-se de acordo com as seguintes categorias: cognitiva, coletiva, descritiva, social, ideológica e material (Pires, 2004). A autora sublinha ainda que, através das diferentes definições, é possível afirmar que a cultura é simbólica, aprendida e partilhada. Assim sendo, a cultura está relacionada com a dimensão do processo social e da vida de uma sociedade, ou seja, a cultura é uma construção histórica e está relacionada com todos os aspetos da vida social. Logo, “nenhuma cultura existe em estado puro, idêntica a si própria desde sempre, sem ter jamais conhecido a mínima influência exterior. (...) Toda a cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução. O que varia é a importância de cada fase, segundo as situações” (Cucho, 1999, p. 98). De facto, todos os aspetos da nossa vida são afetados por uma série de culturas em constante transformação. Somos influenciados por essas culturas e também influenciámos essas e outras culturas (Marujo, 2014). Por isso, as culturas são influenciadas tanto por fatores internos quanto externos. Saliente-se que todas as ações pelo meio das quais os indivíduos ou os povos expressam as suas formas específicas de ser constituem, de facto, a sua cultura. Essa cultura vai ao longo do tempo adquirindo formas e expressões diferentes.

É óbvio que a cultura faz parte de uma realidade, onde a mudança é um aspeto essencial e, por isso, ela é dinâmica, varia de lugar para lugar e é transmitida de geração em geração (Marujo, 2012 e Marujo, 2014). Portanto, “a cultura é um conceito vivo e dinâmico e modifica-se continuamente para capturar e dar conta das necessidades da sociedade no período de tempo atual” (Cooper *et al*, 2003, p. 212). Significa isto, e como argumentam os autores,

que a cultura passa constantemente por um processo de invenção e reinvenção e, neste sentido, alguns aspetos da cultura podem ser definidos como autenticidade encenada.

Como a cultura é dinâmica, significa que pode sofrer transformações através do comportamento e atitudes de indivíduos ou de grupos que, uma vez movidos por necessidades, podem introduzir novas regras, costumes e valores (Marujo, 2014). A autora argumenta que todas as culturas, devido ao facto universal dos contactos culturais, são em diferentes graus culturas mistas feitas de continuidades e descontinuidades. Assim, a cultura passa por um processo constante de desestruturação e reorganização que afeta diretamente a identidade (Marujo, 2014). Como realça Castells (2000), os indivíduos agrupam-se, de forma flexível, em organizações sociais que, ao longo do tempo, podem gerar sentimentos de pertença ao território e, em muitas ocasiões, uma identidade cultural bastante compartilhada.

Pode-se depreender, através das contribuições apresentadas, que o conceito de cultura tem sido revisto e ampliado pelos investigadores que acompanham as mudanças sociais. Cada um deles, de acordo com o seu interesse, atribui um enfoque particular à palavra. Assim, o conceito totalizante de cultura compreende o que as pessoas sabem e pensam (conhecimentos culturais), como as pessoas se comportam e reagem (comportamentos culturais) e o que as pessoas fazem e manufaturam (artefactos culturais) (Ramos e Marujo, 2008).

A cultura é uma das formas de se entender e conhecer determinada sociedade, grupo social e até mesmo indivíduos. Portanto, “todas as sociedades rurais ou urbanas, simples ou complexas possuem cultura. Cada cultura e cada sociedade têm a sua integridade própria, o seu próprio sistema de valores e os seus costumes” (Dias e Aguiar, 2002, p. 129). A cultura é constituída pelos signos, símbolos, valores

e representações de uma comunidade, ou seja, constitui o elemento de identidade de um povo, de um lugar, de um grupo. Assim, cada sociedade reflete, através da composição da sua cultura, a maneira de ser e sobreviver em determinado espaço ou território durante um certo período histórico (Marujo, 2014). Ou seja, “...cada civilização, em cada época, possui a sua própria maneira de ser, pensar e agir. A trajetória da humanidade é dinâmica e, em consequência, ela tem adotado posturas diferentes para cada momento histórico, inclusive face ao lazer” (Castelli, 2001, p. 34).

Se a cultura representa as diferentes formas de compreensão e ação de cada povo, então ela “...compreende a totalidade das criações humanas. Inclui ideias, valores, manifestações artísticas de todo o tipo, crenças, instituições sociais, conhecimentos científicos e técnicos, instrumentos de trabalho, tipos de vestuário, alimentação, construções...” (Dias e Aguiar, 2002, p. 130). Sublinhe-se que uma cultura não pode ser classificada como melhor ou menos importante em relação a outras formas culturais estabelecidas. Ou seja, não existem culturas superiores nem culturas inferiores. O que existem são culturas diferentes, marcadas por circunstâncias geográficas, ambientais, humanas, temporais e resultantes do processo de isolamento ou de contacto com outras sociedades (Ramos e Marujo, 2008; 2011).

Se cada cultura é o resultado de uma história particular (Cuche, 1999), incluindo as suas relações com outras culturas, então, só se pode respeitar a diversidade cultural se entendermos a inclusão dessas culturas particulares na história mundial. Assim, “se insistirmos em relativizar as culturas e só as ver de dentro para fora, teremos de nos recusar a admitir os aspetos objetivos que o desenvolvimento histórico e da relação entre povos e nações impõem. Não há superioridade ou inferioridade de culturas ou traços culturais de modo absoluto, não há nenhuma lei natural que

diga que as características de uma cultura a façam superior a outras” (Santos, 1994, p. 16).

Sintetizando, o termo cultura pode ser visto como um sistema de valores relacionado ao desenvolvimento intelectual, espiritual e estético; uma síntese do ‘modo de vida’ de um povo; as obras ou frutos dos empreendimentos intelectuais artísticos. Logo, pode-se afirmar que a cultura envolve o pensar, o agir e o viver de uma sociedade ou de um grupo de indivíduos, revelando assim a identidade deles. Hoje, países, regiões, cidades, vilas e aldeias desejam, cada vez mais, dar a conhecer as suas culturas. Por isso, no campo do turismo, a cultura constitui o principal elemento da diferença para atrair turistas e visitantes (Marujo, 2014).

## **2. Turismo e Cultura**

A globalização é um processo complexo que provoca diversas mudanças socioculturais numa sociedade. Mas, também, é um facto que ela “é a razão do ressurgimento de identidades culturais locais em várias partes do mundo” (Giddens, 2000, p. 23) e, portanto, o turismo apropria-se destes lugares e transforma a cultura num bem de consumo turístico.

É óbvio que em muitas regiões, a cultura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do turismo. A cultura é, de certa forma, o ‘motor’ do turismo. Mas também é um facto que ela é, em muitos casos, ressuscitada através do turismo. Tome-se como exemplo o caso dos museus em que a sua principal função é conservar a história, mas que cada vez mais são criados para consumo turístico.

A cultura é considerada um fator determinante do crescimento do consumo de lazer e turismo (Richards, 2001) e, por isso, turismo é cultura (Urry, 1996; Richards, 2007). A cultura faz parte das